



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Dimensões da globalização uma perspectiva crítica do capitalismo global Giovanni Alves

Como citar: ALVES, G. Dimensões da globalização: uma perspectiva crítica do capitalismo global. *In:* ROIO, M. D. **A Universidade entre o conhecimento e o trabalho: o dilema das ciências**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005. p3-14. DOI: <http://.doi.org/10.36311/2005.85-86738-27-1.p3-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

DIMENSÕES DA GLOBALIZAÇÃO: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DO CAPITALISMO GLOBAL

Giovanni ALVES¹

Nas últimas décadas do século XX, na passagem para o século XXI, têm ocorrido profundas transformações no sistema capitalista mundial e nas mais diversas instâncias da vida social. Na verdade, nos últimos trinta anos de crise estrutural do capital, está se tornando cada vez mais perceptível que vivemos uma *guerra civil mundial* (expressão utilizada por Robert Kurz, no livro *Colapso da modernização* (1991)). A disseminação mundial do terrorismo político, a partir de 11 de setembro de 2001, significou apenas o ápice desta nova realidade geopolítica. Inclusive, esta guerra civil mundial poderia ser considerada a *terceira guerra mundial*, uma guerra que assumiria esta forma dispersa, fragmentária, de conflitos irremediáveis no globo. Na verdade, presenciamos o esgarçamento de um processo de expansão do capitalismo mundial que, de um certo modo, nos coloca diante deste cenário de barbárie social.

O Brasil está no interior desse processo, que é um processo que aprofunda cada vez mais as contradições do capital. Os fatos corroboram com essa percepção. Abrimos o jornal, ligamos a TV e percebemos que está se desestruturando uma série de relações sociais, políticas e culturais que sustentavam a civilização do capital e que foram constituídas no decorrer do século passado, principalmente após a II Guerra Mundial. Estamos no interior de um ciclo conjuntural bastante perverso, principalmente depois do *11 de setembro*. A crise da modernização assume dimensões alucinadas. Estando em São Paulo, Tóquio, Nova Iorque, ou Londres, a percepção é a mesma. Quer dizer, estamos diante da exacerbação das contradições sistêmicas do capital, atingindo as mais diversas formas de sociabilidade. E isso nos coloca diante da busca por interpretações, ou seja, por *respostas*. Georg Lukács, um filósofo marxista húngaro, dizia: “o homem é um ser que dá respostas”. Então estamos, de um certo modo, em busca de respostas. E essas respostas têm que ser respostas científicas, respostas racionais, até para que possamos, de certo modo, intervir nesse processo de forma conseqüente, contribuindo para sua superação efetiva.

Poderíamos dizer que a *globalização* é o resultado de um processo de desenvolvimento do capitalismo mundial que ocorre há

¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Departamento de Sociologia e Antropologia.

pelo menos quinhentos anos. É o momento mais desenvolvido desse processo de expansão do capitalismo mundial. Antes de mais nada, é importante apreendermos a particularidade desse momento. Primeiro, o nome preciso da *globalização* é *mundialização do capital*. Por outro lado, podemos afirmar que *globalização* é uma *ideologia*, e ainda mais: a *globalização* é *processo civilizatório humano-genérico*. Essas são, portanto, as dimensões da *globalização*.

Globalização é *ideologia*; *globalização* é *mundialização do capital* e *globalização* é *processo civilizatório humano-genérico*. É intrinsecamente contraditório esse processo. Se nós não apreendermos a contradição desse processo, nós não apreenderemos a essência, as determinações imanentes deste desenvolvimento do capitalismo mundial. Quando dizemos que a *globalização* é *mundialização do capital*, significa que ela é *mundialização do capital* e *não* *mundialização dos homens*, de homens e mulheres. É *mundialização do capital*, ou seja, um processo que, ao contrário do que diz a ideologia da *globalização*, *não* é um processo homogêneo.

A ideologia da *globalização* supõe certa homogeneidade do desenvolvimento, da modernização. Mas nós estamos diante de uma ideologia. Na verdade, a *globalização* como *mundialização do capital* é seletiva, excludente e desigual. Intrinsecamente seletiva, excludente e desigual, porque é *mundialização do capital* e é da natureza do capital estes atributos de seletividade, de exclusão, de desigualdade. O capital se desenvolve, desenvolvendo essas formas seletivas, de exclusão. Por exemplo, quando se fala em *globo*, na perspectiva do capital, você está tratando daquelas regiões, países que são interessantes para os investidores do capital financeiro. Então alguns continentes, países e regiões desses países não pertencem a esse *globo*. O *globo* na perspectiva do capital não é o *globo* geográfico. Por exemplo, a África, muitas regiões da África, não estão no “*globo*” do capital, nem existem sequer.

O *espaço* para o capital é constituído e selecionado em função dos interesses de rentabilidade do capital financeiro que dá a direção deste processo da *globalização*. Desse modo, começamos a desmontar uma ideologia, quer dizer, a *ideologia da globalização*. Ela é seletiva, ela é excludente, ela é desigual e combinada. Na verdade, você tem um sistema mundial, o *sistema mundial do capital*, que está sob a hegemonia do capital financeiro. O *capital financeiro*, que impõe a sua lógica sobre as demais frações do capital. Quando falamos capital financeiro, precisamos distingui-lo de outras frações do capital - o capital produtivo, o capital comercial e inclusive, o capital bancário.

Neste atual momento do desenvolvimento do capitalismo mundial, uma determinada fração do capital assumiu uma supremacia sobre as outras frações e esta fração, a fração do *capital financeiro*, está

imprimindo a sua marca sobre outras frações do capital, e este sistema, o modo de desenvolvimento desse sistema, de um certo modo, está se caracterizando pelas qualidades intrínsecas a essa fração, que é a fração do capital financeiro. O próprio capital industrial, o próprio capital comercial, o capital bancário, estão cada vez mais se imiscuindo com a lógica do capital financeiro. E é isso que é a particularidade da mundialização do capital. Quer dizer, é o que distingue esse momento do desenvolvimento do sistema de outros momentos.

Se verificarmos um pouco a história do capitalismo moderno, iremos constatar que ele teve diversos *surtos de expansão do capital*. No século XVI, temos o primeiro surto, do início da Era dos Descobrimentos, e depois, do mercantilismo e do colonialismo, do imperialismo. Nós estamos vivendo um novo surto de modernização, que tem uma particularidade - ele está sob a hegemonia do capital financeiro. Temos que compreender a *natureza do capital financeiro* para compreendermos a dimensão desse processo, inclusive essas características de barbárie social que assume o desenvolvimento do sistema, até para que possamos compreender também as repercussões da hegemonia desse capital financeiro nas diversas esferas do ser social. No caso das esferas produtivas, das esferas políticas, esfera cultural, é como se tivéssemos, de certo modo, uma difusão de uma forma de ser de uma determinada fração do capital, que é o capital financeiro, que imprime a sua marca a essa civilização do capital no século XXI, no momento de crise estrutural que teve início nos últimos trinta anos.

Eis então a globalização, ou mundialização do capital. Algumas pessoas dizem: a globalização vem desde o século XVI, ou a globalização é a mesma coisa que *imperialismo*. Ora, o que afirmo é que *é e não é*, quer dizer, é claro que é, porque é mais um surto de expansão do capital, um surto de modo da modernização, que é intrínseco ao modo de produção capitalista, de desenvolvimento. Ao lermos o *Manifesto Comunista* de 1848, temos aquela sensação familiar de que o belo manifesto escrito por Marx e Engels trata da globalização. De certo modo, é globalização, mas não no sentido da globalização como mundialização do capital, tendo em vista que ela possui algumas características particulares, uma particularidade que dá dimensões qualitativamente novas para a reprodução do sistema. E essa dimensão qualitativamente nova é a notável hegemonia do capital financeiro, que vai se repercutir sobre as diferentes dimensões da sociabilidade. É a partir dela que podemos explicar, por exemplo, a difusão do *toyotismo* como forma selvagem de extração de sobretabalho da produção do capital. É a partir dela que se vai explicar a difusão estrutural do *neoliberalismo* enquanto forma política de reprodução sistêmica do Estado, das políticas implementadas pelos governos capitalistas, é a partir dela que nós vamos entender toda a *cultura*

da pós-modernidade, o impacto no pensamento, na reflexão que se dissemina a partir dos anos 80.

Em seu interessantíssimo livro *Condição Pós-Moderna*, David Harvey nos explica as mudanças da cultura, a partir do desenvolvimento de um novo regime de acumulação, a *acumulação flexível*. Mas, na verdade, a acumulação flexível é a forma de acumulação adequada à globalização, a mundialização do capital enquanto regime de acumulação predominantemente financeirizado.

O capital financeiro tem uma natureza muito própria. Ele se diferencia de outras frações do capital, tais como o capital industrial-produtivo ou mesmo o capital comercial e capital bancário propriamente dito. O capital financeiro tem uma outra concepção de tempo, de *temporalidade*. A temporalidade do capital financeiro não é a nossa temporalidade, nem é a temporalidade de outras frações do capital, como, por exemplo, do capital industrial. A temporalidade do capital financeiro é uma temporalidade bastante perversa. Quando falamos em longo prazo para o investidor nos mercados financeiros, o que para nós poderia ser anos ou meses, para o capital financeiro são apenas horas ou minutos. E essa mudança de temporalidade é perversa porque ela, de certo modo, vai nos imiscuir na dispersão desse capital, que é muito fluido, tendo em vista que busca e tem uma obsessão por duas coisas: *liquidez e rentabilidade*.

Então qualquer mudança nas regras de jogo, qualquer mudança institucional, é algo pavoroso para o capital financeiro. A democracia e o jogo político são coisas que incomodam o capital financeiro. Essa é a lógica da financeirização, totalmente avessa à instabilidade social e política, mas capaz de engendrar, por si só, situações caóticas e incontrolláveis, do ponto de vista social e político. Estarmos diante de uma forma de ser do capital que tem uma dimensão temporal que não é a nossa significa, antes de tudo, uma situação de incerteza e contingência absoluta. Estranhamento insuportável, poderíamos dizer. A aguda contradição é que a incerteza tende a ser um pavor para os investidores. Mas é um *pavor familiar*, tendo em vista que essa instabilidade no mercado financeiro é algo que é explicado pela própria natureza dessa fração hegemônica que articula o desenvolvimento do sistema.

O Brasil se desenvolveu nos últimos doze anos, principalmente a partir da implementação das políticas neoliberais do governo Collor, integrando-se nesse sistema da mundialização financeira. Nosso país é um dos países importantes dentro desse circuito de valorização do capital fictício. O Brasil é uma peça importante nesse sistema. A Argentina, diria eu, é um caso paradigmático, tendo em vista que é também uma peça importante na geopolítica da dependência

financeirizada mundial. Por conta das contradições que esse próprio sistema vai criando, ele está à deriva.

A globalização se caracteriza pela disseminação dessa forma de acumulação, uma acumulação financeirizada e que tende a explicitar cada vez mais um traço do próprio capital, que é a *produção destrutiva*, um conceito do filósofo marxista húngaro Istvan Meszaros. Produção destrutiva que é intrínseca à lógica do capital, mas, diante dessa fração do capital financeiro, ela se explicita de uma forma mais perversa. É como se o desenvolvimento do sistema mundial do capital explicitasse uma natureza que é intrínseca ao capital, mas que no seu momento de crise estrutural assumisse uma dimensão mais grave, mais bárbara, mas bárbara em todos os sentidos.

Meszaros diz-nos algo interessante, quando afirma que estamos diante de uma das leis fundamentais do sistema sócio-metabólico do capital, que é a *lei da taxa de utilização decrescente dos valores de uso*. Quer dizer, estamos diante de uma civilização, a civilização do capital, onde os valores de uso, que são valores de troca, mercadorias, passam cada vez mais a ter uma utilização decrescente, tornam-se cada vez mais obsoletos. Hoje, tal lei tendencial assumiu proporções absurdas, inclusive atingindo a própria força de trabalho, que é mercadoria. Quando você fala, por exemplo, no desemprego, o desemprego estrutural, o desemprego massivo, ele é expressão dessa lei, lei do sistema sócio-metabólico do capital na sua forma mais desenvolvida. É como se o sistema estivesse incapaz de absorver cada vez mais gente, e isso nos diversos pontos de desenvolvimento da modernização do planeta.

Uma das maiores preocupações da atualidade é com a falta de empregos. Quer dizer, hoje se tornou uma preocupação global de homens, mulheres e governos, a constituição massiva de uma superpopulação relativa, um exército industrial de reserva, de maneira que, diante da dinâmica da mundialização financeira, esse traço assume uma dimensão qualitativamente nova. O que é que significa isso? Significa que aquilo que era um exército industrial de reserva, uma superpopulação relativa tende a se interverter, nas suas bordas, em exclusão, em *exclusão social*, pessoas que jamais serão incorporadas na lógica de produção de capital. Pessoas que inclusive estão clamando por exploração. Eis um dos traços regressivos do sistema em sua forma mais desenvolvida, sua forma de crise, quer dizer, as pessoas estão pedindo ao capital, "por favor me explorem", tendo em vista que, pior do que ser explorado, é ser excluído, no sentido de que não vão estar no *espaço da reprodução* da civilização do capital. Isso atinge as mais diversas regiões e países deste planeta. É uma dimensão da *barbárie* dessa *civilização* do capital.

No começo do século XX, Rosa Luxemburgo colocou a seguinte questão: socialismo ou barbárie. Mas nós já vivemos na barbárie, o século XX foi a porta de entrada para a barbárie, nós já vivemos a barbárie. A nossa luta, o grande desafio é tentar resistir, é tentar conter, ir além da barbárie, da barbárie que é intrínseca à civilização do capital. Certa vez, em junho de 2002, o *Jornal do Brasil* apresentou a seguinte manchete: “Wall-Mart é acusada de trabalho escravo”. Vejam bem: WallMart é uma das maiores redes varejistas dos Estados Unidos, o país capitalista mais desenvolvido do mundo. A rede varejista estava sendo acusada, no Kansas, nos EUA, pelos seus funcionários, de trabalho escravo. Trabalho escravo no país que representa o ápice, o *top*, da civilização do capital. Eis uma notável evidência de uma forma regressiva de desenvolvimento do sistema. A notícia salientava que os gerentes são acusados de trancar funcionários após o horário. Estamos diante de um processo societário de exploração que não caracteriza apenas suas formas mais arcaicas, mas está no interior de suas formas mais desenvolvidas.

De certo modo, isso mostra que a mundialização do capital tende, na medida em que está sob a hegemonia do capital financeiro, a explicitar e a fazer com que aqueles constrangimentos mais perversos da lógica do capital consigam articular o *local* e o *global*. Essa disjunção local-global se tornou muito relativa. Podemos estar no Kansas, nos Estados Unidos, e observar trabalho escravo; assim como estar em Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, e presenciar trabalho escravo. É como se o capital financeiro conseguisse dar uma nova qualidade a essa *disjunção* e isso explicita as contradições de um sistema mundial do capital.

No mesmo *Jornal do Brasil*, logo na página anterior: “Pobreza já chega a 51% na América Latina”. Quer dizer, é interessante como a leitura hoje dos jornais não consegue mais conter essas contradições. Elas estão à flor da pele. Cabe ao leitor estar capacitado e preparado para poder apreender esses fragmentos e articulá-los numa perspectiva crítica, científica, de *crítica do capital*. Por isso, hoje, mais do que nunca, é fundamental uma teoria crítica do capital.

O tema da globalização tem de certo modo se disseminado pelas mais variadas áreas das ciências sociais, filosofia, geografia, história, sociologia, antropologia, economia. É como se a globalização se tornasse uma imagem muito forte da nossa época, mas poucos autores conseguem, de certo modo, ir além da *fenomenologia da globalização*, caindo numa leitura impressionista, não conseguindo aprender a lógica desse processo, que é a lógica do capital, e de uma fração específica do capital, que é o capital financeiro para, a partir daí, percebermos um sentido, uma direção complexa desse próprio desenvolvimento. Inclusive para que possamos identificar essas formas de contradição

em seus mais diversos elementos. Para que nós possamos estar refletindo - e isso é uma tarefa importante para o pensamento - uma reflexão criativa sobre esse novo patamar de desenvolvimento das contradições sócio-metabólicas do capital, que provoca elementos qualitativamente novos, e uma série de novas relações. Falei da relação *local-global*, mas eu posso salientar também a relação *espaço-tempo*.

Por exemplo, David Harvey, no livro supracitado, faz sugestões interessantíssimas. Ele vai dizer que uma das características principais deste novo regime de acumulação de capitais, acumulação flexível, é a *compressão espaço-tempo*, essa ruptura da temporalidade que é intrínseca a esta lógica do capital financeiro, esta aceleração da vida, do cotidiano. É como se os mercados se tornassem uma coisa meio obsessiva. Se você for verificar, o investidor está hora a hora ligado nos informes para verificar como é que está a bolsa em São Paulo, em Tóquio, em Londres, como é que fechou o Dow Jones, Nasdaq, Bovespa, como é que está a cotação do dólar, do Euro, do Ien; como é que estão as ações. É uma obsessão pela valorização de papéis (ações, títulos públicos, moedas). E essa dimensão da temporalidade se perverte. É uma *perversão da temporalidade*, tendo em vista que as pessoas tendem a organizar suas vidas não mais de acordo com aquela *forma de temporalidade* ligada ao ciclo de vida humana, de homens e mulheres comuns.

Isso tem rebatimentos até no mundo do trabalho, por exemplo, a questão do emprego; em outras épocas, as pessoas eram ensinadas que iriam crescer, estudar, ter diploma, entrar numa empresa, trabalhar a vida nessa empresa e se aposentar. Isso era um ciclo de vida de homens e mulheres que pertenciam à civilização do capital, que tinha uma dinâmica, uma lógica diferente. Mas hoje isso mudou por uma série de transformações qualitativamente novas no sistema, ou seja, você cresce (muitas vezes você não cresce), você estuda e muitas vezes você não consegue ter acesso; ter um diploma, mas ele não garante nada, mesmo que você tenha um emprego, ele não é para toda a vida. O que eles estão dizendo é que hoje você está aqui, mas amanhã você pode não estar e, com certeza, não vai estar durante toda a vida. Na verdade, durante o tempo de vida podemos ter vários empregos, tendo em vista que a própria noção de emprego mudou; não é mais o emprego estável, mas, sim o emprego temporário, o emprego precário, emprego parcial, e isso atinge nossa vida, nossa personalidade e caráter. Inclusive, um sociólogo americano, Richard Sennet, escreveu um livro interessantíssimo, *A corrosão do caráter*, onde mostra o impacto das transformações do capitalismo flexível (expressão utilizada por ele) sobre o caráter das pessoas, um sistema que vai corroendo o caráter, os valores. Que valores nós vamos ensinar para nossos filhos, vivendo num mundo onde tudo é instável, tudo muda - hoje eu estou aqui, amanhã posso não estar, e

isso tem impactos muito grandes nos indivíduos, nos homens e nas mulheres tal. Esta é a aceleração da temporalidade.

Por outro lado, a dissolução do espaço, a questão do espaço é uma coisa muito forte. É claro que isso é um processo que vem desde a revolução industrial, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e transportes, que hoje assumem dimensões assustadoras, tanto que muitos autores colocam isso como sendo uma das grandes vitrines da globalização. O desenvolvimento desses novos meios de comunicação e de transportes contribuiu para que eles se tornassem mais baratos, nos últimos 30 anos. Podemos estar hoje em Curitiba e daqui a algumas horas em São Paulo, Fortaleza, Flórida. Hoje temos outra relação com o espaço. E isso é um elemento que, de um certo modo, pertence a esse sistema onde a temporalidade se fragmenta e o espaço é abolido pelo tempo. Marx tem uma expressão belíssima nos *Grundrisse*, quando diz que o desenvolvimento do capital se caracteriza pela abolição do espaço pelo tempo, porque “time is money”, e tem outra expressão no livro *Miséria da Filosofia*, que diz: “o tempo é tudo, o homem é nada, senão a carcaça do tempo”.

Quer dizer, essa idéia da ditadura do tempo, o tempo como elemento importante da valorização do capital, imprime a sua marca na civilização, em todos nós, homens, mulheres. Só que, com a mundialização do capital, esses elementos se acirraram; com a supremacia do capital financeiro, esses elementos se tornaram mais perversos e colocaram desafios imensos para esse processo de civilização.

Tratamos até agora da globalização como mundialização do capital. Este lado perverso do desenvolvimento do capital, do sistema sócio-metabólico do capital. Capital é barbárie. É barbárie, na medida em que se desenvolve cada vez mais a exploração em suas formas mais brutais e selvagens, desenvolve-se a exclusão, desigualdade. Mas vejamos o seguinte – é importante que façamos um exercício, um esforço para apreender este processo como sendo intrinsecamente contraditório, ou seja, a *contradição* é visceral nesse sujeito capital. Há uma passagem de uma das obras do Marx que diz: o capital é a “contradição viva”. Mas o que seria uma “contradição viva”, essa figura utilizada por Marx? Ela significaria aquela contradição que pulsa e que bate e que nos surpreende, como a própria vida (e a morte). O que significa isso? Significa que nós não podemos apreender esse processo de desenvolvimento mais avançado do sistema mundial do capital, em si, não apenas como *barbárie*, mas também como um *processo civilizatório humano-genérico*. E isso de certo modo exige um certo esforço do pensamento, porque é necessário esclarecer uma questão metodológica. Por exemplo, *que é o real?* Que é a realidade? A realidade não é apenas

aquilo que é dado de imediato; a realidade não é apenas aquilo que está diante de nós. O que está diante de nós é a barbárie do capital; são esses elementos que podemos apreender por meio desses fatos que temos apresentado. Mas existem *possibilidades concretas* para o desenvolvimento do gênero humano. E essas possibilidades concretas, que são imanentes ao ser da mundialização do capital, compõem e exarcebam a contradição que é intrínseca ao sistema.

O que quero dizer é que o capitalismo é um modo de produção que na medida que desenvolve de forma ampliada a exploração da força de trabalho, para acumular cada vez mais valor, de mais-valia, ele desenvolve ainda, à exaustão, as forças produtivas do trabalho social. Isso é intrínseco ao capital: o capital desenvolve a produção social, a produção se torna cada vez mais socializada, ele desenvolve a individualidade em si dos indivíduos, dos homens e mulheres. Inclusive para se apropriar dessas novas forças, das novas forças sociais, que são resultado desse próprio processo.

O capital é um *sujeito apropriador*, usurpador dessas forças da natureza. São intrínsecos a esse sistema de controle do metabolismo social do capital. E isso vem desde as formas mais primitivas de acumulação, do processo de trabalho, quando não se tinha desenvolvido tanto, por exemplo, as técnicas e as tecnologias. Muitas vezes, as antigas manufaturas do século XVIII tinham que ficar próximas de fontes naturais. As quedas de água, os rios, quer dizer, eram apropriadas pelo capital, que tem essa capacidade de “usurpar” forças naturais que são desenvolvidas por ele, mas que, de um certo modo, como salientou o velho Marx, criam a base para sua própria supressão. E uma das *forças naturais* que o capital desenvolve nesse processo é a *produção social*. Hoje, com a mundialização do capital, a produção está cada vez mais socializada. Nunca, na história da humanidade, o trabalho e a produção estiveram tão socializadas, no sentido de pensarmos inclusive as *possibilidades concretas* do gênero humano; no sentido de estarmos diante de elementos que se tornam absolutamente inadequados para essa forma social, que é a forma social do capital. Quando Marx afirmava, no *Capítulo Sexto Inédito*, que o sistema desenvolve a base de sua própria negação, ele estava lidando com elementos da contradição, com elementos que exigem a articulação entre globalização como mundialização do capital e como processo civilizatório humano-genérico.

Quer dizer, o capital desenvolve cada vez mais o poder social do gênero humano, só que esse poder é *estranhado* e se defronta conosco como o poder do capital, um poder que nunca esteve tão desenvolvido como em nossa época, e que se objetiva, por exemplo, nas conquistas das tecnologias, das técnicas e da ciência.

Essa contradição entre aquilo que *nós somos* e aquilo que *nós poderíamos ser*, enquanto possibilidade concreta, não é fantasia. É importante estar acompanhando, de perto, o desenvolvimento da ciência e da técnica, tendo em vista que esse desenvolvimento em si, no seu sentido amplo, tende a colocar a base material da própria supressão dessa forma social. Mas ele coloca a base tão-somente enquanto possibilidade concreta. Não é no sentido de um determinismo - ele só coloca elementos que acirram objetivamente as contradições no sistema (cabe aos homens darem a devida resposta sócio-política).

O melhor exemplo é a questão da rede, da internet, do desenvolvimento dessas novas tecnologias digitais. Essas tecnologias digitais são totalmente recalcitrantes à lógica do valor de troca; basta ver essa luta judicial entre as grandes gravadoras e esse formato MP3, porque a lógica desses novos artefatos técnicos é recalcitrante à lógica da escassez, que é intrínseca à lógica do capital, isso há muito tempo. Mas, de um certo modo, os jovens que lidam com tais novos arcabouços técnicos estão tomando consciência disso. É como se o sistema estivesse diante de uma contradição tão exacerbada, que aquela base que ele desenvolveu não é mais adequada à sua forma social, que é forma social do capital. A forma material não é mais adequada à forma social, e abre um campo de contradições que tem que ser explorado pelos movimentos sociais. Isso é um elemento importante.

É claro que não quer dizer que o comunismo está logo ali. Significa apenas que a globalização como mundialização do capital, na medida em que ela é processo civilizatório humano-genérico, acirra as contradições, colocando elementos que, dependendo na verdade dos intelectuais orgânicos anticapitalistas, apresenta novos elementos que podem contribuir para que para nós possamos avançar para além do capital. Mas isso é tarefa do processo da *luta de classes*. A história é um processo aberto, nós podemos ou não realizar essas possibilidades concretas e é isso que tem que ser colocado, quer dizer, o processo civilizatório humano-genérico é efetivo, apesar de ser negado, e é uma efetividade espectral (conceito desenvolvido, ainda de forma embrionária, no livro *Dimensões da Globalização*).

Quer dizer, o que é uma *efetividade espectral*? O que é um espectro? Marx inicia o *Manifesto Comunista* dizendo que “um espectro ronda a Europa, o espectro do comunismo”. Significa não apenas uma ideologia que assusta os poderes constituídos, mas, antes de tudo, uma *possibilidade concreta*. Há um filósofo marxista alemão, Ernst Bloch, que trata da utopia e diz que o marxismo proclama a utopia concreta, não a utopia abstrata. A utopia concreta significa que, quando falamos em comunismo, estamos falando de algo que é uma possibilidade concreta, é um *ainda-não-ser*, não um ideal arbitrário (o que distinguiria, como fez Engels, o socialismo científico do socialismo utópico).

Desse modo, em pleno século XXI, estamos imersos em formas de efetividade espectral. A globalização é mundialização do capital, é barbárie. Entretanto, nós vivemos a barbárie não como os homens pré-históricos a viviam, mas vivemos imersos num mundo de *efetividades espectrais*, de possibilidades concretas, frustradas pela lógica do capital. Apesar de frustradas, elas não deixam de ser efetivas, o que significa que tendem a mover as *esperanças* de movimentos sociais que lutam contra esse sistema do capital.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. Ciberespaço e fetichismo. In: ALVES, G.; MARTINEZ, V. (Org.). *Dialética do ciberespaço: trabalho, política e cultura no capitalismo global*. Londrina: Práxis, 2003.

_____. *Dimensões da globalização: o capital e suas contradições*. Londrina: Práxis, 2001.

_____. *Trabalho e mundialização do capital*. Londrina: Práxis, 1999.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2002.

KURZ, R.. *O colapso da modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

LASKI, H. J. *O manifesto comunista de 1848*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, K. *Capítulo VI inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Moraes, 1985.

MARX, K. *Miséria da filosofia: resposta à "Filosofia da miséria" de Pierre-Joseph Proudhon*. Rio de Janeiro: Leitura, 1965.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SENNET, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1994.